

Boletim de Ocorrência



Por
Celito De Grandi

040

A noite de todos os horrores

A maior rebelião da história do Estado, naquele gelado julho de 1994, é o 40º caso da série que relembra crimes que impactaram os gaúchos

Quase 20 anos depois, quem acompanhou as tensas horas vividas pela população de Porto Alegre não as esquece.

Foi a maior rebelião da história policial do Estado.

Houve erros cometidos por autoridades, a cena espetacular de um táxi no saguão do Plaza São Rafael e o saldo trágico de cinco mortes.



Fazia muito frio entre os dias 7 e 9 de julho de 1994. Até uma neve escassa caiu.

Além de registrar em fotos os flocos brancos, a preocupação era uma só: oito presidiários sublevados, sob o comando de Carlos Jefferson dos Santos, o Bicudo, mantinham 27 reféns no Hospital Penitenciário (anexo ao Presídio Central), entre eles o diretor, Claudinei Santos.

Exigiam mais do que a liberdade. Queriam ao seu lado Celestino Linn e Dilonei Melara, um dos mais perigosos bandidos do Estado e idealizador do motim, presos na Penitenciária de Alta Segurança de Charqueadas (Pasc).

A exigência foi atendida e eles chegaram sob escolta policial.

Mais de um dia depois do início do motim, por volta de 21h30min, 10 presos, com 10 reféns, saem armados e em disparada, através do pátio do hospital, usando três carros locados pelo governo.

A polícia rompe uma das cláusulas do acordo e, segundos depois, dezenas de homens partem à caça dos bandidos.

Começa uma noite de todos os horrores.



Correrias, tiros, sirenes, gritos, desespero.

Na Rua Ivo Corseiul, um dos carros é cercado e o confronto só termina depois que o refém Claudinei dos Santos é ferido e o inspetor de polícia João Bento Freitas Nunes morre.

Também encurralados, Xico Cavalheiro e Bugigão tiroteiam com a polícia nas proximidades do Shopping Iguatemi. Conseguem fugir num Monza roubado, depois de invadir o Country Club, onde se realizava um casamento.

Na Parada 10 da Lomba do Pinheiro, três fugitivos são mortos: Nairo Pereira, Boró e Pureza.

Perto da meia-noite, Melara, Linn e Fernandinho, com duas reféns, tomam de assalto um táxi e circulam sem rumo pelas ruas do Centro. Tentam invadir o Palácio Piratini, onde há a festa de casamento da filha

da primeira-dama, Neuza Canabarro. São barrados e mandam que o motorista invada o Plaza São Rafael, o mais requintado hotel de Porto Alegre. A polícia chega junto, tiroteia com os bandidos, Linn é ferido e morre dias depois, Melara e Fernandinho se refugiam numa sala da sobreloja. Hóspedes saem à rua de pijamas, e psiquiatras, participantes de um congresso, jogam-se embaixo das mesas do jantar. Cercados, os bandidos só se entregam na tarde do dia seguinte.



A hora mais tensa foi a saída dos presos do hospital, com os reféns.

Alexandre Bach, hoje editor-chefe do Diário Gaúcho, tem tudo na memória e denuncia: a imprensa foi usada.

Formaram uma comissão de autoridades para negociar com os rebeldes. Uma delas, por volta das 21h do dia 8, perguntou pelos jornalistas e os convidou para assistir à saída dos presos.

Eram aproximadamente 15 profissionais.

– Passamos por uma ala em que o mezanino estava lotado de autoridades e policiais. Eram os negociadores e os palpateiros de plantão. Estavam ali os responsáveis pela carnificina que tomaria conta da noite.

– Contra todas as práticas de negociação de reféns e com um discurso raso sobre defender direitos humanos, soltaram todos para uma aventura sangrenta na noite, sem liberar um único refém! – explica Alexandre.

Ele lembra mais: os jornalistas caminharam por um corredor, até chegar ao pátio rodeado de celas. De uma delas, um preso, drogado, apontava o revólver 38. E mandou, aos gritos, que ficassem de costas para a parede, sem se mexer, para não serem fuzilados. Apareceu o Bicudo e perguntou se os profissionais concordavam em sair na frente dos presos.

– Aí nos caiu a ficha. Falaram em “assistir” à saída dos presos, não em participar dela. Houve murmúrio no grupo, mas não tínhamos muita escolha e, mesmo naquela condição extrema, embalava-nos a sede de ver o final do drama de uma posição privilegiada.



Dos amotinados, só João Cândido Colombo do Couto está vivo e preso no Presídio Central.

Claudinei Santos, paraplégico, ainda não recebeu a indenização a que tem direito.

E, na lembrança dos gaúchos, ficaram três dias de frio, neve, dor, desespero e morte.



BANCO DE DADOS, 09/07/1994



RONALDO BERNARDI, 07/08/1996

Durante a perseguição, bandidos, liderados por Dilonei Melara, ordenaram que refém invadisse o Plaza São Rafael com o táxi

O crime

O caso:
rebelião com reféns e cinco mortes

Época do crime:
julho de 1994

Cidade:
Porto Alegre

Principais suspeitos:
Carlos dos Santos,
Celestino Linn,
Dilonei Melara,
Xico Cavalheiro,
Fernandinho e Bugigão



REPRODUÇÃO